

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

A experimentação do Píxo pela fotografia

Roberta Paixão Lelis da Silva

Profa. Dra. Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho

Uberlândia - MG

Julho – 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA

CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

A experimentação do Pixo pela fotografia

Trabalho de Conclusão Curso para a formação Docente no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia – MG

Julho – 2018

RESUMO

O picho surgiu na década de 60 do século passado como forma de protesto contra a ditadura militar, podendo ser caracterizados por não se preocuparem com a estética. Na década de 1980 em São Paulo começou uma nova concepção de picho, agora denominado de pixo que são linhas retas e angulosas. A partir dos conceitos de *afecto* e *percepto* o trabalho é construído com a intenção de ser um convite para perceber o pixo, além do que se vê e se fotografa. Um convite para sentir. A (re)significação das imagens, imagens que não tem a intenção de representar o pixo, mas sim de gerar perceptos e afectos. O centro de Uberlândia foi percorrido de maneira aleatória e fotografias do pixo foram registradas. 311 fotos foram tiradas, sem que houvesse um modelo ou padrão. Deste total, 10 fotografias foram escolhidas apenas porque me atravessaram de alguma maneira. Das 10 fotos, cinco foram reveladas. As fotos reveladas foram experimentadas para fazer vislumbrar outras conexões além da convencional. Imagens experimentadas, “olhar com as mãos, perceber as fotografias e seu afectos. A experimentação gerou uma escrita, mas não como um complemento e sim como um dos pilares indispensáveis para a construção da manipulação em si. A experimentação das fotografias e da escrita permitiram vislumbrar minha graduação. Professores, Pibid, Experiências me modificaram permitindo meu processo de formação como professora-mulher-pessoa.

Palavras-chave: experimentação, pixo, fotografia

Sumário

VIVÊNCIA.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
OS PIXOS NA CIDADE - FOTOGRAFIAS EM EXPERIMENTAÇÕES.....	8
PEIXES EM MOVIMENTOS.....	9
SELER.....	11
SUSTO.....	12
AINDA HÁ TEMPO.....	13
REFERÊNCIAS.....	14

VIVÊNCIA

Ingressei na graduação em 2013-2. Logo no primeiro período teve um edital para o Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência - PIBID, me inscrevi, mas não entrei de primeira, fiquei no cadastro de reserva. No final do meu segundo período, fui convidada para participar. Meu segundo período foi o menos proveitoso de toda a graduação, eu estava muito desmotivada, principalmente com as disciplinas. Cheguei a cogitar deixar o curso, porém surgiu o PIBID. Terminei o meu semestre já fazendo parte do grupo, foi o que me fez continuar na graduação.

Dentro do PIBID – messias pedreiro eu tive a oportunidade de trabalhar com pessoas maravilhosas, e conhecer uma realidade completamente diferente da que eu vivia dentro da universidade. Foi a oportunidade de viver a escola, viver seus dilemas, e suas conquistas. Trabalhei com temas maravilhosos desde questões de gêneros, relacionamentos abusivos, feminismo, étnico-raciais, entre outros. Além de trabalhar de perto sempre aulas praticas, principalmente em botânica e genética.

Junto com o grupo do PIBID escrevi meus primeiros relatos de experiências, participei da organização de eventos e ministrei minicursos. Dentro desse contexto eu percebi, que eu estava no lugar certo, não como bióloga, mas como professora. Tudo que eu vivi e construí com esse programa foi de suma importância para a minha formação como professora e como ser social. De dentro do PIBID eu fui capaz de enxergar a biologia com outros olhos e sentir a biologia de outra maneira.

Meu primeiro contato com o pixo, foi há alguns anos atrás quando um grande amigo começou a pixar e me apresentou o documentário “O PIXO” (que é citado nesse trabalho). A partir desse momento a minha relação com o pixo se modificou, passei a enxerga-lo com outros olhos, como uma expressão artística.

O contato direto no final de 2016, dentro da escola e do meu ciclo social, me fez perceber o meu real interesse por essa arte. Foi quando comecei a estudar e decidi que queria fazer o meu Tcc com esse tema (apesar de não saber como). Algumas noites sai com algumas amigas para pixar, mas nada que fosse para frente. Hoje me vejo fã desse processo cultural, que carrega uma carga de protesto muito grande.

INTRODUÇÃO

O picho surgiu na década de 60 do século passado como forma de protesto contra a ditadura militar, eles são caracterizados por não se preocuparem com a estética e ser basicamente um texto que qualquer alfabetizado conseguiria ler. Na década de 1980 em São Paulo começou uma nova concepção de picho, agora denominado de pixo que são linhas retas e angulosas. A cidade se tornou um agente verticalizador das letras, onde os pixadores tem o intuito de preencher a maior parte de espaço com os traços (PEREIRA, 2010).

Já as tags são expressões artísticas do nome do autor. Martins *et al* (2006) diz que as tags tem uma intenção estética, geralmente expressam o nome de um grupo ou de uma pessoa, são consideradas assinaturas. Ele diz também que a tag está diretamente relacionada aos processos de construção de identidade dos pixadores, sendo uma autodenominação que serve como identificação individual ou em grupo. As tags apresentam formato arredondado que se assemelha a uma rubrica.

De acordo com o documentário “PIXO”, o pixo surgiu a partir do movimento punk, onde a grafia era inspirada nos logos das bandas de Metal (Iron Maiden, ACDC). Essas logos por sua vez foram criadas em cima de runas anglo-saxônicas que foram o primeiro alfabeto dos povos germânicos. O pixo passa por um processo artístico e criativo, a originalidade é o requisito principal. Ele engloba expressões artísticas, políticas e sociais (PEREIRA, 2010).

Vieira (2015) afirma que a primeira e maior diferença entre o pixo e o graffiti, é que o graffiti prioriza os desenhos, enquanto o pixo privilegia a palavra e a escrita. A pixação pode ser considerada um ramo do graffiti (Pereira, 2010). O graffiti surgiu na década de 1960 e 1970 na cidade de Nova Iorque, se tornando uns dos quatro elementos formadores do Movimento Hip Hop, junto com o break dance, o rap e os MC's (VIEIRA, 2015).

Pixação é considerado um crime ambiental previsto na Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998, “podendo o infrator ser punido com detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa”¹. Pode haver variação nas punições caso ocorra em um patrimônio tombado ou um monumento. Já o graffiti não é considerado crime, quando visa valorizar o patrimônio publico ou privado.

¹ Lei veiculada ao site Jusbrasil.

Escrever nas paredes, não é algo característico das sociedades atuais, de acordo com Nogueira (2009) desde a antiguidade se tem registros nas paredes, como um sinal de protesto ou apenas como maneira de se expressar, como nas pinturas rupestres e murais egípcios. É possível entender o pixo como uma continuidade, a necessidade de se fazer ouvir. Funari (1989) citado por Nogueira (2009), fala da inevitabilidade, ou seja, a arte urbana não pode ser evitada, ela está lá para quem quer (e quem não quer) ler, não está preso na página de um livro.

De acordo com Pereira (2010) o pixação é considerada uma manifestação estética por parte da população jovem da periferia. Mesmo sendo considerado algo periférico, o pixo contamina toda a cidade, todos os bairros independente da classe social. Fazendo parte de maneira direta ou indireta da vida da população.

O pixo sempre me chamou atenção, quando passa pelas ruas. Sempre fascinou pensar a cidade como uma tela que a qualquer momento poderia ser colorida. Me relacionei com o pixo, notando que não havia ali uma representação de algo, mas sim uma expressão, uma denúncia, um processo criativo que se associa as pessoas. Pensar na possibilidade de escrever sobre o pixo me moveu para este trabalho provocando perguntas: Como sentir o pixo sem se importar com sua representação? Como perceber o pixo pela fotografia? É possível percebê-lo enquanto algo que toca as pessoas, que promove encontros?

Tamiris Vaz (2017, p.6) em sua tese de doutorado trabalha os conceitos de perceptos e afectos a partir de DELEUZE E GUATTARI (1992):

Percepto, para Deleuze e Guattari (1992, p.199) ‘é a paisagem anterior ao homem’, não no sentido temporal, mas no sentido de presença, de sensações que estouram percepções vividas tornando-se assim ele próprio repleto de vida. Já os afectos são devires sentidos, mas não fixados, que não estão nos corpos ou nas paredes, mas se manifestam como sensação, contaminando encontros com a cidade através da imagem. ‘A sensação não é colorida, ela é colorante’ (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.216), o afecto não permanece na imagem, ele parte dela para se conectar às nossas sensações, gerando novos caminhos para as visualidades.

A partir desses conceitos, que ainda estão me atravessando, teço o meu trabalho como um convite para perceber o pixo, além do que se vê e se fotografa. Um convite para sentir. A

(re)significação das imagens, imagens que não tem a intenção de representar o pixo, mas sim de gerar perceptos e afectos. Tal como Tamiris (2017 p.4) diz “explorar suas possibilidades de vida, seus desvios, suas provocações, e com isso, modificar (...) a mim mesma”.

OS PIXOS NA CIDADE - FOTOGRAFIAS EM EXPERIMENTAÇÕES

O centro da cidade foi percorrido de maneira aleatória, porém sempre sinalizando sempre em um mapa impresso, por quais ruas eu passava. 311 fotos foram tiradas, sem que houvesse um modelo ou padrão, apenas seguindo minhas vontades, meus anseios.

No computador, foi afunilando as fotografias até que tivesse apenas dez, que foram escolhidas apenas porque me atravessaram de alguma maneira. Levei as fotos em um pen drive para que pudessem ser reveladas, das dez revelei apenas cinco. As fotos foram experimentadas após serem reveladas.

Imagens de um suposto mundo áspero a nos convidar ao olhar com as mãos, ao tatear com os olhos (im)possibilidades em decifrar o significado, (des)conexões entre os desenhos. Devir em desvario. Acontecimento vital no arriscar (ANDRADE, p.664).

Fazer vislumbrar outras conexões além da convencional. Imagens experimentadas, “olhar com as mãos , perceber as fotografias e seu afectos. Manipulo-as para fugir da real representação de quando foram capturadas. É “mais do que produzir decalques fotográficos sobre visualidades urbanas, o que faço é produzir imagens para deslocá-las, criando perceptos e afectos que possam provocar mais perguntas do que certezas sobre aquilo que é visto” (VAZ, 2017, p10).

Para além das fotografias e a experimentação, a escrita é fundamental nesse trabalho, mas não como um complemento e sim como um dos pilares indispensáveis para construir afectos . Me desvinculo da escrita tradicional e parto para uma escrita que por si só pretende ser artística. Retomo a tese da Tamiris (2017 p. 151) quando ela diz que: “Não se trata apenas da utilização de visualidades artísticas intercaladas com a escrita do texto, mas de uma escrita

que já pretende ser, em si mesma, artística, provocando outros modos de nos relacionarmos com ela e com as imagens, modos nos quais haja sempre abertura para a criação”.

Refaço a minha relação com a escrita, que por toda a minha graduação sempre foi técnica e me aventuro por esses novos caminhos, descobrindo novas maneiras de escrever e de perceber. “Ao escrever, reinvento minhas relações com visualidades da cidade, desenvolvo outras conexões que não foram pensadas no momento em que via e fotografava.” (VAZ, 2017, p152)

PEIXES EM MOVIMENTOS

Foi a primeira imagem a ser manipulada. Desde quando as fotos foram tiradas, a fotografia original já me gerava sensações, afecções. Ela me incomodava, mas não era um incômodo ruim, tanto que sempre foi uma das minhas favoritas. Definitivamente eu sempre adorei os lambes dos peixes que estão espalhados por aí, parece que eles saltam as paredes, a foto teve sorte de conseguir captá-los, pois em instantes nadariam para longe, em movimento. Nunca houve dúvida que essa fotografia integraria esse trabalho.



Juntei vários materiais, me sentei a mesa da cozinha. Comecei recortando a foto e a pregando em um papel preto, que seria o fundo, a tela em branco (nesse caso preto) para que as minhas ideias fluíssem, sem nenhuma determinação breve ou referência. Foram acrescentados vários elementos, de matérias diferentes, adesivos coloridos, canetas permanentes, papel colorido, adesivo sem cor (mas aí, eu os colorei) e até recortes da própria fotografia que antes, seriam descartados.

Depois da foto ter sido colada no fundo preto, comecei a acrescentar outros elementos, sempre com muito receio. Levei uns quatro dias pra terminar a experimentação dessa foto. No primeiro dia, eu estava muito preocupada com a estética. Muita coisa, foi feita e desfeita,

colada e descolada. Eu nunca ficava contente com ela, mas a todo o momento do meu dia, até sem perceber pensava nessa experimentação. A cada espasmo de ideia, corria pegava meus materiais e fitava a foto, às vezes fazia uma colagem, ou não fazia nada, pois não me sentia segura.

Em muitos momentos, tive que esconder pequenas falhas que foram deixadas no papel, por algo que eu adicionei e me arrependi. Isso não me incomodava e não me incomoda, quem nunca escondeu pequenos erros ou tentou tapar cicatrizes.

Primeiro fiz os detalhes com caneta permanente, fiz o que estava a meu alcance para dar-se a entender que a lixeira estava aberta, e os elementos se projetam para dentro ou fora



dela. Pensei que só os efeitos com a caneta eram poucos, busquei adesivos, colei as pizzas, arabescos-pizza. Arabesco amarelo com muita dificuldade recortado de um papel colorido. Colei os peixes, pensei que era isso. Mas não era!

Nos dias seguintes ficava me perguntando o que faltava, a fotografia “meio-experimentada” ficou no canto da mesa, me olhando sempre que eu passava. Os dias foram correndo e em momentos distintos eu voltava a compô-la, adicionando as outras colagens, os cogumelos, os

remédios e os diamantes. Fui incluindo-os não com a intenção de significar algo, mas com a intenção de fugir com toda a representação que antes a fotografia tinha.

Tamires Vaz (2017) comenta em sua tese sobre o devir-arabesco, de quanto ele está presente na cidade com a intenção de compensar o que desagrade, o que fere. O arabesco refresca a dureza das grades e dos muros de concreto. Ela mostra que as curvas desenhadas pelo arabesco suavizam a dor inevitável.

Os arabescos compõem a fotografia do pixo nas lixeiras da rua, não para compensar a sujeira com uma lixeira bonita. A intenção foi trazer elementos que se projetam para fora da lixeira, meus arabescos. Eles saem da lixeira tal como saem de mim, esse movimento da vida, que se torna um transbordamento de possibilidades.

Embora, maioria dos elementos jorre para fora da lixeira, os peixes vão em direção a ela, nadando contra a correnteza, tal como eu na vida. Cotidianamente nadando contra a correnteza de mim mesma, me afogando. Esses peixes, que se movimentavam antes na fotografia original, se movimentam agora também como arabescos na fotografia manipulada. Em ambos os momentos suavizam a dureza.

SELER



A manipulação dessa fotografia conta com a retirada do pixo, que aparecia em azul bebê em um fundo verde, com o auxílio de um estilete e uma placa de vidro. Todas as letras foram retiradas por completo sem serem separadas, e o espaço onde elas estavam, ficou o mais próximo do original que minhas técnicas artísticas me permitiram. Para manter todas as ausências das letras no “lugar” utilizei um pedaço transparente de uma pasta velha, tudo foi colado com uma cola “superforte”.

Essa foto era o “enquadramento perfeito”, mesmo com a intenção de nenhuma perfeição. O enquadramento perfeito do que é, ou poderia vir a ser a essência de uma pessoa, que por desventuras da vida, já não é. O contraste tão forte entre as cores, que mesmo antes de qualquer acontecimento, de qualquer experimentação já era por si só afectos.

A atual apresentação da fotografia me remete ao efêmero, uma característica intrínseca a qualquer arte



urbana, e a qualquer outro ser ou meio no qual a gente se insere. Tal como Nogueira (2009, p. 3) diz, “não só o grafite é efêmero, mas também aquele espaço que surge e desaparece muito rapidamente também é”. Eu me atrevo a dizer que tudo é, todos somos.



Com o amanhecer do dia, em um piscar de olhos, o pixo some e a imagem de quem o fez, também desaparece. Um segundo atrás estavam aqui, agora já não tenho tanta certeza de onde habitam. O pixo que agora se enrolou junto com a porta de aço e durante o dia permanece dentro das lojas e o meu amigo que se enrolou pela vida e agora vive apenas dentro de mim.

SUSTO

Eu já via esse pixo na parede, em lugares específicos, tempos antes de pensar nesse trabalho. SUSTO – uma palavra forte, com as letras escorrendo tinta vermelha. A priori, minha intenção era fazer a alteração na foto, mas faltou coragem; a opção menos arriscada aparentemente era o papel seda.

O papel seda foi cortado do tamanho exato da foto e posicionado em cima, para que a escrita em baixo aparecesse e assim eu conseguisse passar o lápis, reescrevendo as letras no papel seda. Logo após passei a caneta vermelha, e a mão livre fui fazendo as letras “derreterem” em um vermelho bem vivo.



Susto: medo súbito, passageiro, temor repentino. Como as letras escorrendo em vermelho, o susto escorre e percorre nosso corpo em instantes, passageiro. Após o susto vem a calma, após o pixador desenhar suas letras vem a calma da tinta solta na parede, livre para escorrer e seguir seu caminho. Sem pretensão, sem pressa, sem medo indo até onde

sua liquidez permitir. Liquidez vermelha, que na parede não foi o suficiente, tinha que ser mais, percorrer mais.



A tinta da minha caneta não é solúvel como a tinta do pixador, ela não escorre. Tive que derreter minhas ideias e caligrafia, desenhar o escorrido. Fluiu tanto que empoçou, acumulou. Acumulo de vermelho em um fundo branco. Vermelho que remete ao amor, fertilidade e ao mesmo tempo ao

proibido, a violência. Branco que está associado à paz, a calma e limpeza.

Um cenário pós-guerra em gelo, banhado a sangue. A guerra da tinta contra a parede, da tinta contra o papel seda, da tinta contra mim. Resultado final é o vermelho emanando em caos e violência, destruindo toda calma e ordem do fundo branco. A tinta percorre o papel manchando-o. Escorrendo todas as letras, porém sem perder a forma original.

Escorro e me modifico nas paredes da vida, porem sem perder a essência. Em meios desvios, pingando vermelho, assustada a cada gota que cai na poça. Cada pedaço de mim, que foi deixado, que não é mais eu. Medos e anseios que já não me cabem, não são mais meus. E nessa me pego pensando, será que já foram? Será que eu já fui? Do que tem nessas poças, o que há de mim?

Sigo escorrendo e pingando por aí, deixando pedaços de mim por onde passo. Assim como o pixo, escorreu do pixador e pingou na parede. Escorreu do pixador para a cidade.

AINDA HÁ TEMPO

Essa experimentação contou com duas fotografias, uma complementando a outra. Na primeira com o auxílio de uma caneta permanente e uma tesoura, transformei o muro com o picho “ainda há tempo”, em um relógio e fiz do céu seus ponteiros. A segunda fotografia não foi manipulada, mas é o plano de fundo para



o relógio que foi feito, portanto parte indispensável para a experimentação. Tudo foi fixado com durex, deixando os ponteiros e o relógio livres para serem manipulados, sendo assim, o tempo nunca para!

O resultado pós-experimentado, é a junção dos elementos das duas, antes distintas, fotografias. O casal na moto em alta velocidade: foram segundos que definiram se eles estariam na foto ou não. Tão apressados (ou aparentemente), correndo contra o tempo, ou correndo do tempo. Tão imperceptíveis quanto o tempo que passa aos nossos olhos e não notamos, tempo que escorre em nossas mãos. Um fragmento de um momento registrado, ainda há tempo, ou o tempo já houve? Uma imagem que capturou a pressa da cidade, como ela se movimenta e nos movimenta.



Não há tempo que volte, momento que retorne. Seguindo nesse eterno movimento sem regresso, sempre contínuo, mutável. Fragmentos de momentos que se sobrepõem e se completam, tal como as duas fotografias. Fragmentos isolados que se acumulam e compõem a nossa percepção. O acúmulo de pixos na parede compoem, o que creio ser a identidade criativa da cidade. Nogueira (2009, p 5) diz: “Pinturas umas sobre as outras, tais como resquícios de momentos, acumulam-se”.

“Tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos

Tambor de todos os ritmos

Tempo, tempo, tempo, tempo

Entro num acordo contigo

Tempo, tempo, tempo, tempo”



(Caetano Veloso, Oração ao tempo, 1979)

Tempo, tempo, tempo compositor de destinos. Eu comendo esse trabalho, relacionando as fotografias com minhas experiências, os meus perceptos e experimentações. Unindo os elementos como musica (trabalho-musica), formando refrãos em rimas, fotografias são os acordes e minha escrita, a letra. O tempo compõe o meu destino e o destino desse trabalho.

Pensando no tempo, e como ele corre e escorre rapidamente, vejo minha graduação que me percorreu, me inundou, se acumulou dentro de mim, mas agora está chegando ao final. O acúmulo de professores, disciplinas, pibid, acúmulo de experiências, que me modificaram cotidianamente desde 2013. O tempo compôs cada acorde da minha graduação, mas agora essa musica chegou ao final. E que final feliz! Em prantos finalizo esse trabalho, o último do meu curso de Ciências Biológicas, mas também o início de um processo de formação, como professora-mulher-pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, E.C.P. (2016). Ocupações (Im)prováveis: Que cidade devém?. ETD, v.18, n.3,p.651-669. Jul/Set. 2016

Martins, J. B. & Yabushita, I. J. (2006). Ruídos na cidade, pichações na cidade de londrina – aproximações. Athenea Digital, n.9, p.19-45.

Pereira, A. B. (2010). As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. Lua Nova, 79, p.143-162.

PIXO (2009). Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. Produção: Luiz Fernando Souza e Silva. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes. Documentário. 61'00''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjS0653Gsn8>. Acesso em junho de 2017.

Jusbrasil (2011). Art. 65 da Lei de Crimes Ambientais – Lei 9605/98. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11331651/artigo-65-da-lei-n-9605-de-12-de-fevereiro-de-1998>. Acesso em Agosto de 2017.

Nogueira, C. (2009). A (im)permanência do traço: rastro, memória e contestação. 15p.. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, n.2. Dez. 2009

Oliveira, G. R. C. (2009). piXação: arte e pedagogia como crime. Volume único, 374p.. Dissertação de Mestrado para o Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Vaz, T. (2017). Aprendizagens em devir na cidade: visuais, excessos e narrativas cotidianas. Volume Único, 221p.. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Vieira, B.C. (2015). Graffiti e pixação: processos de apropriação e resistência. Volume único, 56 p.. Monografia de Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia, na Universidade Federal de Brasília.